

Opinião

**ÉRICO ABREU**

Jornalista e professor de Comunicação da Ufal.

Belchior, maldito!

Era apenas um compositor latino-americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes. Morreu quase esquecido.

Em suas canções, de letras enormes, falava de coisas que não agradavam, nem a cariocas, nem a baianos. Menos ainda a paulistas.

- Nada é divino, nada é maravilhoso.

Seu canto torto, afiado, doía na carne da nossa geração, pós-Beatles, incumbida da triste tarefa de voltar à realidade e constatar: O sonho acabou.

E Belchior concluía: Quem nos deu a ideia de uma nova consciência havia traído a

causa. Estava em casa, guardado por Deus, contando o vil metal.

Ninguém gostava de ouvir isso. Só o grande público que comprava seus discos e Elis. Ela, só ela, no meio musical, percebeu a honestidade na música de Belchior. Gravou um álbum quase inteiro com as canções do compositor cearense. Deu vida e sobrevida a um artista que o mainstream apenas suportava.

A geração anterior, agora no poder, na direção das gravadoras e emissoras de rádio e televisão, não queria ouvir. Mas o rapaz de bigode a la Dali, insistente, fazia questão de lembrar: "Apesar de ter-

mos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais".

Sempre desobedecer, nunca reverenciar. Vocês esqueceram, repetia.

O rapaz esquisito que vinha do Ceará, não cantava forró, nem falava de seca ou fome, mas do vazio que habitava o coração dos jovens nas grandes metrópoles após os anos sessenta. O vazio que, sabemos hoje, foi preenchido pelo consumo e pelas drogas. Estas esvaziadas da consciência cósmica.

O sonho acabou faz muito tempo. Quem não ouviu e gostou de Belchior nem sequer sonhou.